



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING
30 de junho de 2012**

Diário Catarinense

Serviço

"Doação de sangue"

Serviço de hemoterapia – HU – Doações – Transplantes hepáticos

• **Doação de sangue** - O Serviço de Hemoterapia do Hospital Universitário da Capital solicita a cooperação de todos os potenciais doadores de sangue, pois o hospital vem realizando transplantes hepáticos. Doações podem ser feitas de segunda a sexta, das 7h30min às 12h. Informações: (48) 3721-9114.

Diário Catarinense

Juliana Wosgraus

"Neurônios"

Palestra – Stanislas Dehaene – Auditório da Reitoria da UFSC – Colóquio Neurociência na Região Sul

NEURÔNIOS

Cientista pesquisador na área das neurociências, em especial com aplicações voltadas para os processos de educação e letramento, além da dislexia, Stanislas Dehaene vem palestrar em Florianópolis no próximo dia 13, às 14h, no auditório da Reitoria da UFSC. Oportunidade rara para conhecer as suas pesquisas recentes sobre temas tão relevantes. Além da palestra, haverá o Colóquio Neurociência na Região Sul e o lançamento nacional do seu premiado livro *Reading in the brain* (no Brasil ganhou o título de *Os neurônios da leitura*). Inscrição e mais informações em www.neuroniosdaleitura.blogspot.com.

A Notícia

País

“Ensino superior: Greve provoca a suspensão de matrículas pelo SISU”

Greve servidores federais – SISU – Matrículas



A Notícia

Cláudio Prisco

“Dobradinha”

PMDB – Gean Loureiro - Vice-prefeito – Rodolfo Pinto da Luz



“Censo 2010: SC tem o maior percentual de pessoas brancas no país”
Censo 2012 – Resultados – Santa Catarina – Programa de Ações Afirmativas – UFSC

CENSO 2010

SC tem o maior percentual de pessoas brancas no país

No Estado, 84% se declararam brancos, ao contrário da média nacional, que tem, pela primeira vez, maioria de pretos e pardos

ANGELA BASTOS

Uma década atrás, Santa Catarina tinha 5.357.864 habitantes. Desses, 4.786.293 se declararam brancos, o equivalente a 89,3%, o que dava ao Estado o maior percentual do país. Nos dados divulgados ontem, com base no Censo 2010, o status foi mantido. Os números englobam pessoas acima de 15 anos e mostram que um percentual de 84% da população catarinense se considera branca – valor 5,3 pontos percentuais menor que na anterior.

A situação no Estado não reflete um dado nacional: pela primeira vez, pretos e pardos somam a maioria. Em 21 estados, este percentual ficou acima da média nacional (50,7%). As maiores proporções estão no Pará (76,8%), Bahia (76,3%) e Maranhão (76,2%). Apenas em Santa Catarina (84,0%), Rio Grande do Sul (83,2%), Paraná (70,3%) e São Paulo (63,9%) mais da metade da população havia se declarado branca em 2010.

O levantamento também apontou que 817 mil pessoas se reconhecem indígenas (0,4%). Desse universo, 60,8% estavam nas áreas rurais. Do total da população brasileira, apenas 15,6% vivem na zona rural.

A cor continua sendo referência no acesso escolar no Brasil. No nível superior, encontram-se 31,1% dos brancos, enquanto apenas 12,8% dos pretos e 13,4% dos pardos. O Censo revelou, também, que a defasagem entre idade e nível de ensino que a pessoa frequentava atingiu cerca de 50% das pessoas de 15 a 24 anos que estavam no ensino fundamental. Essas já deveriam ter alcançado ao menos o ensino médio.

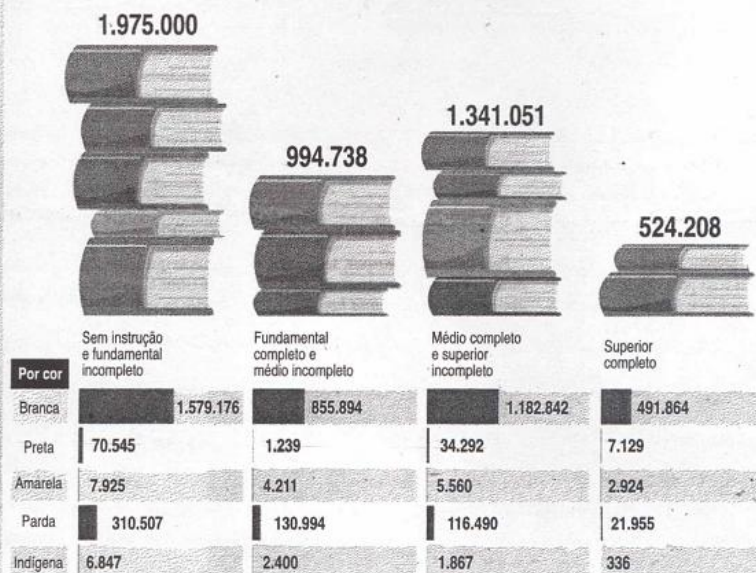
Menos católicos, mais evangélicos

A proporção de católicos seguiu a tendência de redução. Em paralelo, cresceu a população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Houve também aumento do total de espíritas e dos que se declararam sem religião. Entre os espíritas estão a maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%) e as menor de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15%).

angela.bastos@diario.com.br

Cor e escolaridade em Santa Catarina

INSTRUÇÃO DE PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE



Maioria no ensino superior

Pretos e pardos estão em maior número acessando o ensino, porém, aumentam as disparidades com o branco, que ainda é maioria. Em 2010, segundo o IBGE, 23,85% dos negros tinham ensino médio completo ou nível superior incompleto, e 4,96% concluíram o ensino superior.

Para que a “distância” encurte, são necessários o fim do racismo e mais políticas afirmativas. A avaliação é de Marcelo Tragtenberg, presidente da Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas da Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em 2000, o Estado tinha 10,4% da população declarada preta e parda. Em 2010, passou para 15,4%. Não há pesquisa sobre o assunto, mas há indícios de que as ações afirmativas tornaram positiva a imagem do negro em se assumir como tal. Para Tragtenberg, isso pode ter mudado a autodeclaração para negro.

As distâncias entre pretos e pardos no acesso à universidade, com relação aos brancos, vêm aumentando desde 1960, diz ele. Em 1960, 0,16%

dos negros e 2,5% dos brancos tinham ensino superior. Em 1999, 11% dos brancos e 2,5% dos negros alcançaram o nível superior. Em 2009, atingiram este patamar 14,7% da população branca e 4,7% dos que se declararam negros.

Um estudo diz que só 25% dos negros que entram no ensino fundamental chegam ao 3º ano do ensino médio; enquanto que 50% dos brancos chegam ao 3º ano do ensino médio. Isso, tomando por base a região metropolitana de Florianópolis.

UFSC garante cotas por mais cinco anos

Ontem, o Conselho Universitário da UFSC aprovou a continuidade do Programa de Ações Afirmativas até 2017. O programa prevê o estabelecimento de cotas para alunos negros, de povos indígenas ou que cursaram escolas públicas no ensino fundamental e médio.

O plano também estabelece o cursinho pré-vestibular e um plano de permanência para esses alunos, envolvendo medidas como bolsas e refeições a preços populares no Restaurante Universitário.

Marcelo Tragtenberg comemorou a continuidade do programa – que existe desde 2008 – e se mostrou crítico sobre os dados do IBGE:

– Essas ações na universidade têm um efeito social, se estimula a convivência entre os diferentes grupos. Mas apesar disso é preciso pensar que os brancos ainda estão na supremacia em relação ao acesso à escola – diz Tragtenberg.

Para ele, o programa contribui também para a abertura social da própria instituição. De acordo com o professor Tragtenberg, 75% das universidades públicas do país contam com ações afirmativas. Na UFSC, são concedidas 20% das vagas para egressos de escolas públicas e 10%, para os negros.

Em relação aos indígenas, as vagas são suplementares, ou seja, são criadas especificamente para este fim nos cursos em que houver candidatos aprovados, observando o limite de duas vagas por curso.

O primeiro período do programa de Políticas de Ações Afirmativas na UFSC ocorreu de 2008 a 2012. Neste período, alcançou 5 mil estudantes de escolas públicas, e beneficiou 1,1 mil estudantes negros.

73,4
anos é a expectativa de vida do brasileiro. Em 1960, este número era de 48 anos.

1,9
filho por mulher é a média atual no país. Há 50 anos, cada mulher tinha 6,3 filhos.

25%
dos negros que entram no ensino fundamental chegam ao 3º ano do médio

7,4%
da população tem 65 anos ou mais. Esta faixa etária era 2,7% do Brasil em 1960.

31,1%
dos brancos vão ao ensino superior, contra 12,89% dos pretos e 13,4% dos pardos

50%
dos brancos que entram no ensino fundamental chegam ao 3º ano do médio.

MARCELO TRAGTENBERG
Presidente da Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas da UFSC

“Essas ações na universidade têm um efeito social, se estimula a convivência entre os diferentes grupos.”

Ele tem o cinema nas mãos

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ *

Para Roma, com Amor. Seria muito difícil encontrar um título mais sugestivo para o novo filme de Woody Allen, em cartaz no Estado.

São as idas e vindas do amor, essa afecção da alma e do corpo, seu enredo; e a cidade aberta, como a chamou Rosellini, está na tela, ensolarada, caótica, antiga e contemporânea. Não apenas como palco, mas como personagem a deixar-se amar. Os planos abertos bem construídos não deixam dúvida de que o verão é a melhor estação para os visitantes em busca da fantasia do Velho Mundo e suas ruelas, comidas, praças, monumentos, paixões que se pretendem eternas. O pitoresco está em toda parte, principalmente para os turistas norte-americanos, em apuros ao enfrentarem as diferenças culturais e se depararem com qualquer idioma que não seja o próprio. Estranhamento que Allen, longe de Nova York, compartilha.

O quinto filme em menos de uma década que o diretor realiza na Europa é uma nova comédia a homenagear uma de suas grandes cidades, como foram *Vicky Cristina Barcelona* (2008) e *Meia-noite em Paris* (2011), assim como talvez *Match Point* (2005) e *Scoop - O Grande Furo* (2006), ambientados em Londres. A fórmula de *Para Roma, com Amor* é a tantas vezes vista em filmes de Allen: personagens às voltas com seus desejos e os desatinos do acaso, as advertências da razão que, felizmente, não são levadas tão a sério, o irônico desprezo com a pseudo intelectualidade, o vocabulário psicanalítico popularizado em conclusões toscas e absurdas, o marido neurótico e sua esposa analista.

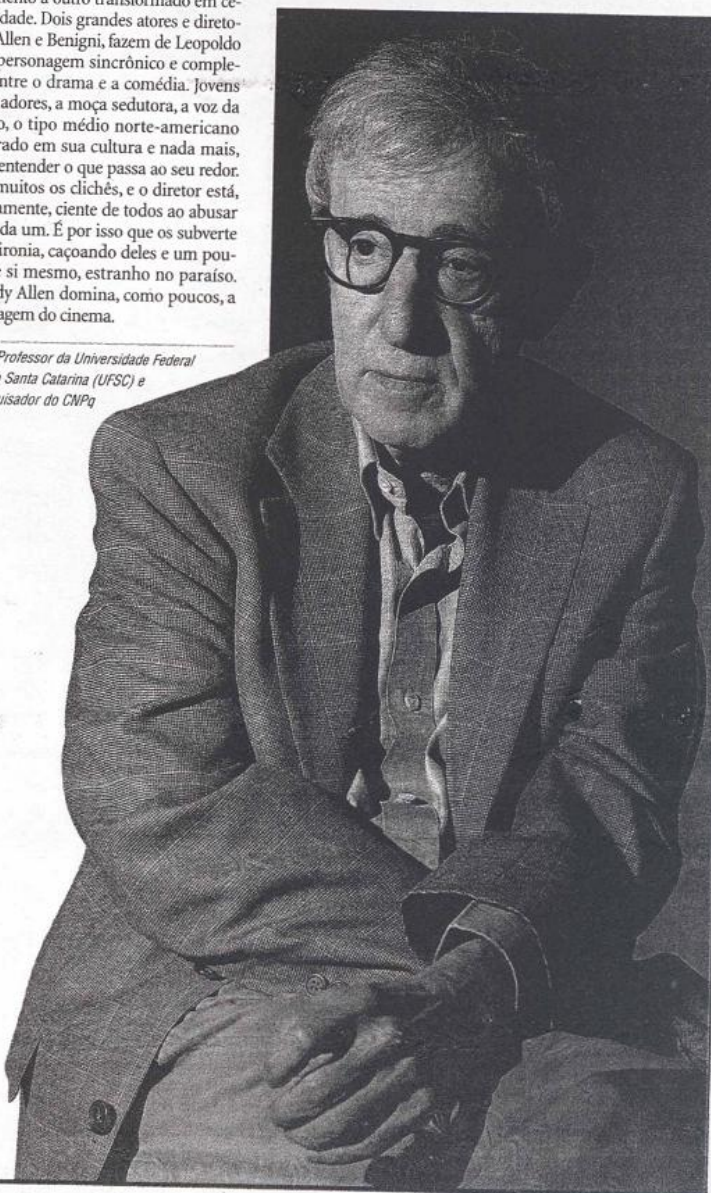
O próprio diretor forma com Judy Davis o casal dominado pelas pequenas loucuras do marido. Eles viajam a Roma para conhecer o noivo da filha, jovem e simpático advogado envolvido em causas sociais, com quem o futuro sogro passa a maior parte do tempo em conflagração de ideias. O pai do moço, agente funerário dado a cantar óperas no chuveiro, torna-se uma obsessão para o norte-americano, que, como ex-maestro e ex-diretor artístico de uma gravadora, pretende torná-lo, para horror inicial do filho e apreensão da mulher dona de casa, uma estrela. O encontro nem sempre harmônico das duas famílias é apenas uma das tramas que vão se sucedendo sem que haja, propriamente, um encontro entre elas. Como os episódios de *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, obra em que Allen se inspira, o filme vai mostrando várias transições, nem tanto de uma época para a outra (o fim do medievo e o início dos tempos modernos, como foi para o grande escritor italiano), mas as

da vida de cada um dos envolvidos nas paralelas histórias. É assim com o jovem casal de norte-americanos que recebe a sedutora amiga, especialista em desfiar lugares-comuns e impressionar com sua atrevida beleza. Ou com outro jovem casal, vindo do interior do país, ela professora, ele um pequeno gerente em que se aposta como futuro executivo, desestabilizado pelo acaso e pelos temores dele, pelo acaso e pelo sonho dela, vivido em um set de filmagem.

Não é diferente com o personagem de Roberto Benigni, que se vê de um momento a outro transformado em celebridade. Dois grandes atores e diretores, Allen e Benigni, fazem de Leopoldo um personagem sincrônico e complexo, entre o drama e a comédia. Jovens sonhadores, a moça sedutora, a voz da razão, o tipo médio norte-americano centrado em sua cultura e nada mais, sem entender o que passa ao seu redor. São muitos os clichês, e o diretor está, obviamente, ciente de todos ao abusar de cada um. É por isso que os subverte com ironia, caçoando deles e um pouco de si mesmo, estranho no paraíso. Woody Allen domina, como poucos, a linguagem do cinema.

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do CNPq

Penélope Cruz e Alessandro Tiberi (à direita) e Woody Allen (abaixo): elementos da arte de fazer rir e chorar



**Teatro.
Críticos
avaliam
a relação
quantidade-
qualidade**

MARCO VASQUES E
RUBENS DA CUNHA
redacao@noticiadodia.com.br

Chegamos ao final de mais um Festival Internacional de Teatro de Animação, que ainda conta, neste sábado, com sete apresentações na capital catarinense. Durante uma semana, o evento movimentou a cidade de Florianópolis e se fez presente em Blumenau, Itajaí, Jaraguá do Sul, Joinville, São José, Lages, Concórdia, Chapecó, Laguna, Tubarão e Criciúma. Antes de tudo é necessário reconhecer que um evento deste porte possibilita a troca de estéticas/ideias, amplia o olhar – tanto do espectador quanto dos produtores das cidades em que acontece, provoca o debate, forma público, gera emprego, estimula o setor turístico e, principalmente, traz vida aos palcos dos teatros de Santa Catarina. No entanto, cabem algumas reflexões que têm por objetivo devolver ao próprio festival as questões que ele nos suscitou.

Que festival o Fita quer ser? Um festival com uma programação imensa, em várias cidades, ou um festival conciso na quantidade e preciso na qualidade? O que temos visto nas últimas edições é uma escolha pelo primeiro caminho: diversos espetáculos, diversas cidades e uma evidente queda na qualidade artística, além de alguns espetáculos com estéticas indecisas, que já circularam pela

cidade. Não exigimos que todos eles sejam inéditos, mas no mínimo dignos de serem assistidos mais de uma vez. Outro questionamento: que festival o Fita não quer ser ou se tornar? Qual o modelo de curadoria o Fita adota? Porque o que se viu nesta edição foi um desnível considerável entre alguns espetáculos. Obviamente, é da premissa dos festivais apresentarem trabalhos dispare, porém é preciso ter critérios estéticos mínimos para que se diminua ao máximo as diferenças.

Um espetáculo primário como “Tres Histórias Tres”, com carga de moralismo, maniqueísmo e amadorismo, não pode participar de um festival desta envergadura. Qual o motivo para ele atravessar o Atlântico, sendo que em nossa cidade temos dez espetáculos infinitamente melhores? Pensa-se:

Como um espetáculo como “O cano”, com todos os problemas já apontados por nós, faz a abertura de um festival internacional? Por que trazer da Itália um espetáculo “textocêntrico”, colegial, com dramaturgia convencional, didático e que só muito forçosamente se pode colocar na linguagem de Teatro de Animação? Por qual motivo se priorizou a Espanha, trazendo espetáculos como “Tres Histórias Tres” e “Bag Lady”? Apenas uma observação mais atenta na produção dos nossos vizinhos latino-americanos evitaria percalços como esses dois espetáculos? Por que todos que eram internacionais vieram da Europa?

**Crítica.
“É pela
importância
indiscutível do evento
que colocamos algumas
indagações em discussão”,
dizem os críticos, que
analisaram os
espetáculos do
festival**

Foi se o FITA, ficaram os questionamentos



Espectáculo:
“Que Vivez
Anita” da
T.N.L.T. da Itália,
apresentado no
Fita Floripa

Outras inquietações

Outras perguntas também surgem: qual o sentido de trazer uma máquina imensa, muito bem feita por sinal, mas que marca presença física só pelo caráter exótico e pela confecção engenhosa? Qual o sentido de tantas apresentações se o público é agendado, buscado, isto é, não é um público espontâneo? Quais as implicações disso? Essas pessoas querem estar no teatro? Que teatro elas procuram? Que teatro deve ser apresentado a elas?

Ao inquirir os organizadores e sua equipe estamos indagando a nós mesmos e terminamos com as palavras de Denis Guénoun, autor do livro “O teatro é necessário?": “O teatro disponível não é necessariamente aquele que a vida pede – certas necessidades permanecem insatisfeitas. Inquietude de vida e de morte. Em caso de necessidade, se o teatro falta, nos falta, e se a carência persiste, algo corre o risco de morrer. Nós não morreremos, claro que não. Encontram-se substitutos. Mas algo em nós pode morrer: o quê?”

Notícias do Dia – Caderno Plural
"Reinvenção do mundo"
Artistas cegos – Documentário - UFSC



FOTO JANINE TURICANO

Ceramista. A artista plástica Jussara Silva ficou cega aos 38 anos. Hoje, se expressa através de suas esculturas

Reinvenção do mundo

Desafio. Artistas cegos revelam sua relação com o mundo e demonstram sensibilidade que rompe com o óbvio

ALINE TORRES
aline.torres@noticiasdodia.com.br
@alinetorres_ND

FLORIANÓPOLIS — “É o quanto vai além da regra”, assim o curador Fernando Lindote descreve o que dá valor à arte. O instrumentista Mateus Costa, a cantora Fernanda Rosa, a ceramista Jussara Silva e o fotógrafo Fernando Camuaso rompem o óbvio. Suas criações vêm do âmago, não copiam, se justificam pela vontade de expressão, de mostrar que há outras possibilidades de ver o mundo: através das mãos, da voz, da imaginação. Todos são cegos.

Fernanda, 30, cantava com os olhos fechados. Tinha vergonha do glaucoma congênito que marcou a íris com peles brancas atestando a cegueira de nascença. Estar sob os holofotes é ter cada detalhe do corpo observado. Mas a exposição antes marcada pela timidez, agora é encarada com coragem. “Meu trabalho tem a carga emocional do desafio”, afirma.

Porto-alegrense, estudou música na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em 2004 teve sua primeira experiência como solista e a certeza que nunca mais deixaria o palco. Pelas ruas compôs a alegria de andarilhar protegida por um guarda-chuva



FOTO MARCO SANTILIANO

Música que liberta. Fernanda e Mateus se apresentam no terminal de ônibus

cor-de-rosa. Já que a capacidade de visão de 13,3% permite a distinção das cores.

No lançamento do CD “Cravo da Terra”, em 2008, conheceu Mateus Costa. “Foi amor à primeira música”, divertem-se, procurando a expressão ideal. Mateus, 36, é filho de pescador da Barra da Lagoa. Descobriu aos 14 anos, que sofria de retinose pigmentar, conhecida como cegueira noturna. Na época, já tocava vários instrumentos e avisou aos companheiros da banda: “Vocês terão que cuidar de mim”, conta interrompido por Fernanda: “Não

largaram dele até hoje. É o preço para ter um grande compositor e instrumentista”, gaba-se.

O casamento solidificou o dueto “A corda em Si”. Segunda-feira, no Ticen (Terminal de Integração do Centro), foram protagonistas de um documentário da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Enquanto, os ônibus entravam velozmente nas plataformas, a calçada era riscada por um frenético caminhar, Fernanda e Mateus arrancavam das entranhas a música; ela de cantarolar suave; ele com a gravidade do contra-baixo.

A arte de ver com as mãos

Jussara Silva sonha colorido. Misturam-se memórias do tempo que enxergava e a imaginação, que desliza pela argila crua e molda seus sentimentos. O apartamento do Itacorubi é povoado por formas sensuais, complexas, suas. Mas essa arte se vê com as mãos. Dedos desbravam a longitude das pernas, o volume dos quadris, o formato dos seios. Em 1995, aos 38 anos, assumiu vaga de auditora do INSS, em Florianópolis. No trabalho, se contaminou com o fungo

cryptococcus— presente nas fezes das pombas que invadiam a sala do arquivo. Na lembrança, o apreço pelas cores, em especial o vermelho. A aceitação foi pedregosa. “Minha mãe me fazia acreditar que voltaria a ver, mas uma médica disse: ‘Não voltará a enxergar, mas se quiseres pode doar as córneas’”. Senti como se meus olhos tivessem sido arrancados. Aos poucos tudo mudou. O belo cedeu espaço ao gentil. A sensibilidade floresceu. Os curadores reconheceram seu trabalho.

Retrato de sua percepção



Fotógrafo. Fernando Camuaso

O que parece uma câmera fotográfica, na verdade, é uma “ponte”. Fernando Camuaso, 30, transforma as imagens que faz da cidade num retrato de sua percepção. “Quando consigo fazer uma fotografia alcanço as pessoas, mostro minha visão. É a inclusão”, afirma o angolano. Aos quatro anos ficou cego, por consequência do sarampo. Não conhece cores, não lembra as visões da infância. São desbravados cheiros, texturas, sabores. Assim escolhe o que clica. E de dentro, outro mundo se faz.